

CIDADE SELVAGEM

Poema de RAUL BOPP

Esta é a galeria das raízes aflitas,
Condenadas a alimentar lá em cima a grande selva, inimiga do homem.
Estorcem-se, como enormes clavículas, esmagadas ao peso dos caules.
Os sapos, escondidos na sombra, espiam as árvores que não trabalham.
E os troncos sábios, enrugados numa *toilette*, paleozoica,
Estudam, durante a noite, uma nova geometria selvagem para as folhas.
Cochicham, no alto, os cipós encurvados, tecendo intrigas à beira dos galhos,
Onde as orquídeas lânguidas balançam.
Movem-se as folhas do açaí, como pernas de aranha espetadas num caule.
Grita uma guariba, sacudindo as árvores que estão com sono.
No fundo, um pedaço da selva reclama silêncio.

Sozinha, abraçando as primeiras flores,
Acorda-se, cheia de susto, um pé de miratuá, intoxicada e franzina.
Bisbilham as folhas tagarelas numa clareira do mato.
Súbito, um cururu, de sentinela, brada um ALTO LÁ!
QUÁ QUÁ QUÁ.

Entre os arbustos atônitos, passa lentamente a sombra austera de Jacques Huber
Catalogando as umbelíferas.

Pia um pio... um longo assobio, entre risadinhas
[anônimas.

Depois toda a selva alarmada, ante a ingênua
[irreverência do sábio,

Se desata, do alto dos galhos, em largas
[gargalhadas de vaia:

QUÁ QUÁ QUÁ



(foto meramente ilustrativa, obtida na
.....internet; autoria desconhecida)

CIDADE SELVAGEM
UM MERGULHO DE OLHOS ABERTOS NA SELVA
DE RAUL BOPP

PRISCILA PRADO

*“A maior volta ao mundo que eu dei
foi no Amazonas.”¹*

Raul Bopp

Ao entrar no poema inadvertidamente, tentei e tateei². Era tudo breu e ruídos indecifrados. Só divisava esparsos lumes, vagando intermitentes. Sinais por entre as árvores. Sons e sombras. Cacofonia.

Buzinas e gritos e rugido de motores é o que se espera ao entrar numa cidade. Cacofonia, sim. A cidade é “selvagem”.

Mas o bugio é o que grita e ruga nessa outra “cidade”. Nunca viu?! Nunca ouviu?!

A *Cidade Selvagem* de Raul Bopp é uma dimensão diversa de arquitetura.

O título paira sobre o poema: a ideia de uma organização, uma estrutura dinâmica, dotada de coerência interna - onde se deslocam e interagem os habitantes.

Tecem a teia túrgida que os interconecta. Inconscientes – segundo nos parece - mas tão ciosos e operosos que a arquitetura potente e coesa desmente a ociosidade que lhes atribuem os seres humanos.

Erguem-se colunas nas galerias que margeiam os rios. As folhas esplendem sua “geometria selvagem”. As árvores vieram de antes, muito antes de nós. Quando aqui chegamos, elas já estavam. Ao menos estas: enrugadas, sábias, paleozoicas.

Por entre elas, cochichos, assobios, risadinhas, intrigas, gritos, gargalhadas... – os sons ecoam antes dos sentidos. Antes de fazer sentido.

Muitas incursões: idas e vindas e retornos a essa *Cidade Selvagem* – antes de fazer sentido.

As aliterações sibilam e contudem.

¹ Em carta a Jorge Amado e Echenique (MASSI, p.218)

² “A repetição de sílabas nos verbos, uma característica do tupi muito usada por Amorim...” – o autor e o idioma indígena influenciaram a obra de Bopp, de acordo com Lúcia Sá. (SÁ, 2012)

Rimas internas; rimas dentro de um mesmo verso; reiteraões fonéticas: soam como ecos na mata

Reiteram-se onomatopeias em contextos diversos: aqui o “alto lá!” da sentinela; acolá as “largas gargalhadas de vaia” – “QUÁ QUÁ QUÁ”!

Bem no fundo há sempre uma ausência. Ou, ao menos, “um pedaço da selva reclama silêncio”.

Os “s” e os “g” escorregam e balançam: galhos, orquídeas, cipós, pernas de aranha, rabos de macaco. Coisas pênseis, longas, balouçantes. São forma e movimento. São elementos vivos no corpo gráfico do poema.

Coerência do poeta com seu tempo, registrando na chave do modernismo seus versos livres. São também o espanto e a insolência do poeta – ser urbano que se percebe estrangeiro em sua própria natureza.

Bopp é o viajante. Dotado do “espírito de pesquisa e descoberta do Brasil que pautaria a famosa caravana modernista. (...) a experiência de viagem sempre esteve ligada a seu fazer poético.” (MASSI, p. 19) Neto de imigrante, ganha o mundo desde os 16 anos: os vários “mundos” do Brasil e de outros países, desde a América até o oriente - aonde vai representar o Brasil como diplomata

Saber-se estrangeiro. Pisar com respeito o chão do outro. O chão que é outro. Curiosidade, sim. A busca de identidade e de distinção. Encantamento, também, pela diversidade que se desvela. E cautela. O perigo inerente a tudo o que é diferente. A vertigem ante este abismo que é o outro.

Um outro tão outro, tão outrem. Nem mesmo é outra pessoa – o que já seria vertigem bastante -, é outro ser. Um ente desconhecido. Vivente.

Em Bopp praticamente não existe veio confessional ou discurso autobiográfico. (...) Para dar a ver, oculta-se na imensa paisagem do mundo, despersonalizando-se para que o diálogo brote naturalmente. O lirismo vinga quando o poeta se mete na pele elástica do ‘outro’. Ao relatar seu aprendizado, o viajante apaga as marcas de sua presença e o poder encantatório da narrativa nos transporta para o universo mesclado das paisagens reais e imaginárias. (MASSI, p. 37)

Apesar do recurso ao antropomorfismo em imagens como “as folhas tagarelas” que “bisbilham”, ou o pé de miratú que “acorda-se, cheia de susto”, a impressão resultante do conjunto é mesmo de mistério e estranhamento nesse poema que é fruto da febre.

A mesma febre malária que matou muito mais seringueiros do que o contingente de soldados brasileiros vitimados pela I Grande Guerra. (CABRAL, p. 97)

Ao lado de *Mãe Febre e Pântano*, entre outros poemas febris, há em *Cidade Selvagem* o confronto com essa natureza febril – na floresta e no corpo do poeta. A febre derruba, desfaz toda a lógica, jogando-o ao encontro de – e de encontro a – esse húmus profundo. Substrato que ignora toda a coerência.

Hileia é vida no feminino. Transforma o úmido húmus em verde, em cor, em flor, gesto e grito e riso de bicho; transforma vida em vida.

O humano que ali ingressa no masculino - munido de razão, tirocínio e instrumentos de mensuração – e se esforça por traduzir essa vida em palavras, forceja em vão. Ingênua busca, tarefa impossível. Palavra de ciência e de prosa não estão aptas para aquilo de que só a palavra poética se aproxima. O que somente pode ser traduzido em poesia.

Há uma vida latente. É menos plausível considerar “móbilis” essa paisagem tão movente. Ela exsuda. Sua respiração de fotossíntese audível.

Não são só os répteis, aves, insetos, mamíferos: feras e inteligentes são também os galhos, raízes, cipós.

O que é que estão tramando? Confabulam, cúmplices de mistérios tão naturais, tão ordinários – tão ignorados dos humanos *sapiens*.

Ali até os sapos são sábios.

Apenas o sábio – e ele só - é ingênuo.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Luiz Mors. *Plantas e civilização: fascinantes histórias da etnobotânica*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

MASSI, Augusto (org.). *Poesia Completa de Raul Bopp*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013. (1ª ed.: 1998)

SÁ, Lúcia. *Literaturas da floresta: textos amazônicos e cultura latino-americana* Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012).(edição do Kindle.)